

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Marise Feijó da Silva

AQUILO QUE HABITO

Porto Alegre

2023

Marise Feijó da Silva

## AQUILO QUE HABITO

Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade federal do Rio Grande do sul, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora:

Profa. Dr<sup>a</sup>. Adriane Hernandez

Banca examinadora:

Prof. Dr. João Carlos Machado

Profa. Dr<sup>a</sup>. Paola Zordan

Porto Alegre

2023

Silva, Marise Feijó da

Aquilo que Habito / Marise Feijó da Silva. -- 2023.  
53 f.

Orientadora: Adriane Hernandez.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de  
Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto Alegre, BR-  
RS, 2023.

1. desenho. 2. autorretrato. 3. política. 4. fusca.  
5. pandemia. I. Hernandez, Adriane, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica  
da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

## Agradecimentos

Quando passei no vestibular, meu namorado na época, que não é digno de ser citado o nome, me disse: “Passar, qualquer um passa, mas quero ver conseguir sair”. Essa frase me assombrou até esse momento de encerramento. Altos e baixos se passaram, e eu agradeço do fundo do meu coração a todos e todas que de alguma forma estiveram envolvidos ao longo desses anos na minha vida acadêmica. Meus pais: Enio, o cara que não me deixou desistir no momento de realizar a prova do vestibular e Marisa, que me ensinou o apego aos detalhes e que me mostrou os caminhos que eu deveria seguir, eu simplesmente amo vocês. Minha orientadora Adriane Hernandez, a pessoa mais sensível que conheci no Instituto, que esteve comigo quase desde o início, a banca examinadora, João Carlos Machado e Paola Zordan. Kati, minha melhor amiga e artista maravilhosa que o IA poderia me dar. Mas principalmente ao Valdir, e digo com tanta ênfase, pois, apesar de ter escutado aquela frase completamente desmotivada e tóxica no início do curso, eu tive a honra de conhecer durante esse período o meu parceiro de vida. Valdir tem um significado tão importante, que sem ele, talvez eu não tivesse sequer dado continuidade a minha graduação, tem sido o meu alicerce, meu amigo, a pessoa que me dá força, que não deixou e não me deixa desistir nunca e que juntos estamos trabalhando e pensando arte, além de me mostrar todos os dias que a vida pode ser incrível de ser vivida.

Dito tudo isso, gostaria de dedicar esse trabalho à Marise depressiva, essa pequena parte que me habita em mim, gostaria que ela pudesse enxergar como nós somos capazes de fazer coisas admiráveis nessa vida e que tudo bem não se sentir bem as vezes, não precisa ter medo por que vai passar. Conseguir terminar esse trabalho é uma pequena mostra de tudo que podemos e devemos realizar. Podemos até não entender o porquê das coisas, mas isso não quer dizer que não podemos aproveitar o sentido de estar aqui.

## Resumo

“Aquilo que Habito” consiste entre uma narrativa dos aspectos pessoais e referenciais do desenvolvimento dos meus trabalhos, além de um conjunto de desenhos, pinturas e fotografias que foram produzidos ao longo do curso.

As origens, trajetões e possíveis caminhos seguidos. Desde a compreensão das influências da minha infância, escolhas relacionadas a minha formação acadêmica e, os eventos recentes marcados na história do cotidiano coletivo que aos poucos estão se incorporando e estruturando minha poética visual.

Palavras-chave: Desenho, fusca, autorretrato, pandemia, política

## Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. FAZ DE CONTA QUE ERA ARTISTA .....	8
3. O FUSCA.....	11
3.1. Oficina: Manutenção.....	13
3.2. Oficina: Desmanche e Restauração.....	15
4. O ABISMO .....	21
5. AUTORRETRATO .....	27
6. ARTE, POLÍTICA E PANDEMIA.....	39
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50
9. INDICE DE FIGURAS:.....	53

## 1. INTRODUÇÃO

Cheguei neste momento, onde finalmente consigo compreender uma possível ordem cronológica dos eventos que me levaram até aqui. Por muito tempo, imaginava o trabalho de conclusão do curso algo absurdamente horrível e maior que eu, algo que muitas vezes por medo, evitei, tentei fugir e quase desistir de tudo que tinha construído. Mas, encorajada por pessoas maravilhosas, estou aqui, nesse exato momento, pensando em como começo a falar sobre algo que me é tão íntimo.

Curiosamente, o nome do texto foi escolhido pelo meu “eu” sonâmbulo, faço uso do Zolpidem<sup>1</sup>, de acordo com a bula do medicamento: sedativos e hipnóticos como ele, podem causar amnésia anterógrada (Perda da habilidade de formar novas memórias a partir de um determinado ponto no tempo.), este é um dos efeitos colaterais do medicamento, e ocorre cerca de 10 minutos após ingerir o remédio, parte de quem eu sou simplesmente desliga, mas continua interagindo, só não consigo lembrar de nada no dia seguinte, é necessário que alguém me diga tudo que fiz ou disse durante esse período. E em uma dessas vezes, falei que o nome deveria ser “Aquilo que Habito”. Por sorte, no dia seguinte, me contaram e pude refletir sobre o que significava essa frase. Entendo que, para tentar falar sobre qualquer coisa sobre o meu trabalho, é necessário entender como cheguei até aqui, que caminhos fez com que eu pensasse da forma que eu penso. E não existe início, meio e fim, apenas o meio, transitório e fluido. Meus vários Eus habitam esses lugares de afeto, e, por mais esquizofrênico que pareça, não consigo dissociar o meu estado mental do fazer artístico, mas consigo enxergar as minhas diversas personalidades como sendo pessoas diferentes que habitam o mesmo corpo. Nesse sentido, brinco com essa situação de ser espectadora de mim mesma através da narrativa do outro e traduzo através da arte.

---

<sup>1</sup> zolpidem é um medicamento não benzodiazepínico, de curta duração, que atua no sistema nervoso central e é utilizado para tratamento de insônia

## 2. FAZ DE CONTA QUE ERA ARTISTA

Quando criança, sempre fui retraída, tímida e introvertida, passava muito tempo vendo televisão, desenhos animados, tais como, Tom e Jerry, Pica pau e Pernalonga. Minha brincadeira era desenhar, gostava daqueles livros de colorir, massinhas de modelar e tinha facilidade com os materiais, tanto que na escola, os coleguinhas de aula me pediam pra eu fazer ou ajudar nos trabalhos.

Eu tinha poucas amigadas, entre elas, as irmãs gêmeas Jane e Jana, elas tinham um vídeo game da Nintendo 64 e eu ficava fascinada jogando Super Mario. E quando não estávamos jogando, brincávamos de completar o desenho umas das outras. Ninguém ensinou isso para nós, simplesmente fazíamos um rabisco, passávamos para o lado e pegávamos o rabisco da que estava do outro lado. Havia algo fora do comum, diferente das outras crianças, essas brincadeiras eram em silêncio, as nossas mães até ficavam preocupadas, mas a nossa comunicação era totalmente através dos desenhos. Achava engraçado que tanto eu quanto a Jana (hoje Matheus), na época, quando perguntavam o que queríamos ser quando crescermos, dizíamos que faríamos artes, ela queria ser professora, para poder ficar 3 meses de férias.

Em uma daquelas excursões escolares, levaram a nossa turma para visitar a IV Bienal do Mercosul<sup>2</sup>. Levei a câmera emprestada do meu pai, daquelas antigas, que precisavam de filme, nunca havia mexido em uma até aquele momento, e acabei percorrendo toda a exposição vendo através do visor. Passei a tarde inteira fotografando e só chegando em casa que me disseram que eu deveria ter colocado o filme. Não tenho nenhum registro daquela exposição, além da memória.

Mas o interessante nesse dia é que vi uma caixa enorme de vidro, dentro dela estava uma moça sentada em cima de uma mesa, segurando um ferro de passar e grudava lagartixas de borracha umas nas outras. No chão havia uma pilha enorme de outras lagartixas. Eu não tinha ideia do que era aquilo, mas lembro que, eu, uma criança, disse para mim mesma: - "É isso que eu quero

---

<sup>2</sup> IV Bienal de Artes do Mercosul/2003

fazer." Foi isso que me levou prestar vestibular para as Artes Visuais, exatamente essa cena.

É importante salientar, que fui a primeira pessoa da família que ingressou numa universidade pública. Minha origem vem de pessoas humildes, na sua maioria não terminaram o ensino fundamental, então esse passo de entrar na faculdade gerou um estranhamento, ficaram orgulhosos, mas não entendiam o motivo pelo qual eu resolvi estudar artes, achavam que não era válido, queriam que eu estudasse comércio exterior ou algo que me desse algum tipo de estabilidade financeira. Os poucos incentivos vinham de alguns familiares, como a minha avó, que financiava os materiais. Mas mesmo assim entrei, decidida a viver e pensar como a moça das lagartixas, hoje sei que se trata da Lia Menna Barreto<sup>3</sup> e seu trabalho A Fábrica (figura1).

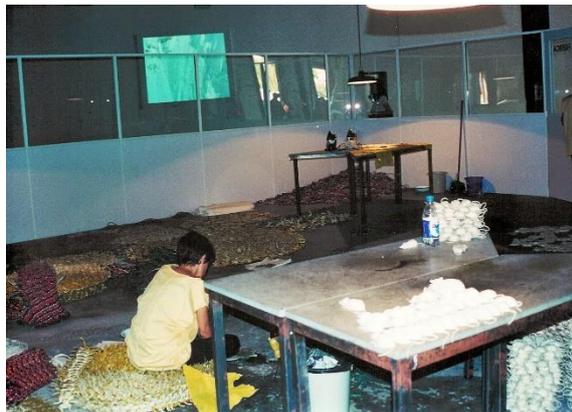


Figura 1- A Fábrica - Lia Mena Barreto - IV Bienal do Mercosul.

Passei direto no primeiro vestibular em 2009, ainda cursando o ensino médio, no início foi bem complicado, por que apesar de ter 17 anos, me sentia como se eu tivesse uns 12, pois meus pais eram rígidos, era super protegida, tanto que fui aprender a pegar ônibus sozinha no mesmo momento que fui para o curso superior, foram incontáveis as vezes que me perdi no meio do centro e chegava atrasada nas aulas.

Então toda essa vivência com o novo me deixou em completo entusiasmo. Fui aprendendo novos materiais, novas técnicas, artistas, história. Mas essa avalanche de informação foi me deixando apavorada, eu via nos meus colegas de aula que tinham muito mais experiência de vida, trabalhos já há muito

---

<sup>3</sup> Lia Mena Barreto: Pintora. Rio de Janeiro, RJ 1959. Formada pelo Instituto de Artes da UFRGS, inicia carreira artística na década de 80.

pensados e eu ali, praticamente uma criança brincando com meus lápis de colorir.

### 3. O FUSCA

Eu queria a todo custo ter um trabalho autoral. Até que, na cadeira de percepção e criação, com a Adriana Daccache<sup>4</sup>, ela apresentou um livro sobre as ilustrações do artista Gil Elvgren<sup>5</sup>, cheio de Pin Ups<sup>6</sup> (Figura 2), aquelas mulheres anos 40, 50, fazendo poses sedutoras, em ambientes comumente masculinos, onde aparecem carros, lanchonetes, barcos, aviões, etc.



Figura 2- PIN UPS - Gil Elvgren

De início, tentei fazer releituras daquelas Pin Ups, mas eu não tinha conhecimento sobre figura humana e muito menos técnicas de desenho.

Na busca de apropriação das imagens dessas mulheres (figura 3), um dos desenhos me chamou a atenção, pois reconhecia suas curvas, sua forma e suas cores, vi um objeto que era familiar, uma moça em um carro antigo.

---

<sup>4</sup> Adriana Daccache: São Paulo, SP, 1971. Formada pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo, 1997. Professora substituta no Instituto de Artes da UFRGS.

<sup>5</sup> Gil Elvgren: St. Paul, Minnesota, março de 1914 – Siesta Key, Florida, 1980, ilustrador americano famoso em utilizar Pin Ups como imagem de referência entre as décadas de 1940 e 1950.

<sup>6</sup> Pin Ups: Termo usado para se referir a imagens de mulheres em poses sensuais em calendários, revistas e posters, ficou popularmente conhecida durante os anos 1940, são uma parte icônica da cultura pop e da arte, tendo influenciado várias formas de mídia, moda e design.



Figura 3: Pin Ups: Gil Elvgern.

De alguma forma, a ilustração me remeteu as curvas do Fusca<sup>7</sup>, carro esse que era a paixão da minha família, e até então, nada do que haviam me apresentado nas aulas tinha alguma conexão com a minha origem. Quase todos os membros da família eram proprietários de um fusca. Ver aquele carro, despertou a ideia de tentar reproduzi-lo. De forma inconsciente, iniciei uma jornada que duraria um longo período de experimentos.

---

<sup>7</sup> Fusca: foi o primeiro modelo de automóvel fabricado pela companhia alemã Volkswagen, sendo produzido entre 1938 e 2003. Foi o carro mais vendido no mundo.

### 3.1. Oficina: Manutenção.

No momento que mostrei os primeiros fusquinhas (figura 4) para minha família, houve um ponto de comunicação. Eles, acharam interessante ver os meus desenhos, não me achavam só uma criança estranha que não falava. Essa aceitação me fez sentir bem, acolhida. Então continuei desenhando fuscas, tudo pela busca daquele sentimento de pertencimento. Fui tentando inserir a temática dos fuscas ao longo das disciplinas práticas, testei várias técnicas para reproduzir aquela textura lisa e espelhada característica da lataria.



Figura 4 estudo fusca. aquarela sobre papel. 21x29,7 cm 2013.

Como tinha parentes e amigos que possuíam o veículo, era fácil o acesso de imagem. Fui percebendo também que eu não tinha a mesma capacidade dos meus colegas de conseguir criar algo simplesmente desenhando, eu precisava ter uma imagem de referência para copiar. Era um pouco frustrante não conseguir criar algo do zero, afinal, o que eu estava desenhando já existia através da foto ou do próprio objeto em si, então acho que inconscientemente, eu me cobrava "já que não consigo criar, vou desenhar o mais fiel possível". E por conta dessa projeção que eu criava sobre o que era ou não ser um bom artista.

O fusquinha percorreu as cadeiras de desenho, gravura, pintura e até escultura. (figura 5)



Figura 5. objeto. peça fundida em bronze. 9x4x4 cm. 2014

O que ajudou bastante, consegui dominar e recriar a forma arredondada daqueles para-choques, gostava de adicionar o reflexo da paisagem nas calotas das rodas. Acabei ganhando o apelido de *Guria dos Fusquinhas*, de tantos Fuscas que desenhava.

O que foi bom também porque gerava uma identificação com as pessoas, além da timidez ser um impeditivo de iniciar diálogo com os outros, era muito fácil alguém puxar assunto comigo falando que tinha ou teve um carro desses ou alguma história de perrengue que foi engraçada ou traumática, então o fusca me gerava uma ponte de comunicação entre as pessoas. Ainda hoje, quando mostro meus desenhos, sempre surge pessoas interessadas em conversar e contar histórias sobre o carrinho.

### 3.2. Oficina: Desmanche e Restauração.

Refletindo sobre a produção desses estudos, percebi que sempre desenhava os fuscas e outros carros, entre eles: Kombi (figura 6), Opala, Karmann-ghia, etc. Todos eram desenhados em um fundo branco. A fixação pelo domínio de retratar exatamente o que eu via era tão grande que não me importava com o resto. Ficava apenas o objeto flutuando no vazio do papel. Gostava de desenhar neste fundo branco.



Figura 6 kombi vermelha. estudo. aquarela sobre papel. 21x14,8 cm. 2014

Havia uma predileção por pequenas dimensões, achava mais delicado e gostava da ideia de reproduzir algo tão resistente quanto o ferro, com suavidade nos traços. (figura 7)



Figura 7 fusca 666. aquarela sobre papel. 10x6cm. 2013

Recebia muitas encomendas de donos de fuscas e outros dos carros. Aos poucos, fui optando por utilizar a aquarela como ferramenta, só não utilizava as técnicas tradicionais, como a utilização da máscara líquida para manter o branco do papel, ou o molhado sobre molhado, que é basicamente usar a tinta diluída sobre o papel previamente umedecido. A aquarela por si só vai absorvendo no

papel onde ela quiser, é totalmente livre e eu queria além de dominar a imagem, dominar a tinta, mal sabia que não conseguia controlar nem eu mesma, quem dirá o incontrolável.

Essa obsessão me levou a realizar minha primeira exposição individual no Instituto de Artes, em novembro de 2014, intitulada "Coccinelle", que traduzido do francês, significa: joaninha; e também se remete ao Fusca. Apresentei 18 aquarelas, lado a lado, emolduradas em pequenas caixinhas de vidro, medindo 20 por 20 centímetros, cada uma delas possuía uma lupa para que as pessoas pudessem enxergar todos os detalhes. (figura 8)



Figura 8 fotografia. Exposição "Coccinelle". 2014

No centro haviam três modelos de Fusca também, uma peça que foi fundida em bronze, outra em gesso e um brinquedo desconstruído, também fechadas em caixinhas de vidro com uma lupa. Todo o processo de montagem da exposição, desde a inscrição pelo edital, texto, curadoria, além da exposição pública, minha e das aquarelas, foi importante, mas me fez entender que não estava preparada e como estava me programando para iniciar o trabalho de conclusão do curso no próximo semestre em 2015, fui sentindo uma certa insegurança tanto em relação ao meu trabalho quanto as questões afetivas. A sensação de acolhimento que tive da minha família reproduzindo esses fuscas lá no início já não me bastava, sentia que não era o suficiente, não para uma pesquisa acadêmica, mas principalmente pelo motivo, era como se eu tivesse a necessidade de mendigar afeto, eu precisava de um reconhecimento externo

para afirmar que o que eu fazia era bom, mas entendo que a cobrança interna era muito maior e impossível de ser suprida.

Timidamente fui iniciando minha pesquisa, tentei analisar de alguma forma o que realmente me atraía nesse objeto e percebi que escolhia imagens de carros destruídos pelo tempo, enferrujados, com pedaços faltando ou com acúmulo de objetos empilhados, como malas, bicicletas. Era como se o fusca tivesse narrando uma história que nunca viveu, afinal, estava num vazio branco descolado da realidade. Fui tentando relacionar meus desenhos com outros artistas que usavam o mesmo objeto, mas de outras formas, outras temáticas, e por acaso, encontro Damian Ortega<sup>8</sup> com a obra "cosmic thing"(figura 9).



Figura 9 - Cosmic Thing , 2002..

Instalação, escultura, um fusca desmontado e pré remontado, suspenso no ar através de fios de aço, como um quebra cabeça explodindo, mas traz uma sensação de leveza e harmonia entre as peças. Gerando uma sensação de macro e micro espaço.

Ichwan Noor<sup>9</sup>, também escultor, que utiliza objetos, dentre eles, o Fusca. Ele deforma sua estrutura original e recria uma forma esférica, dando uma sensação de movimento e dualidade, pois o carro perde a função inicial de mobilidade e assume uma peça fluida, porém inútil para o uso. Beetle sphere.(figura 10)

---

<sup>8</sup> Damian Ortega: Cidade do México, 1967, artista contemporâneo conhecido por suas esculturas, instalações e trabalhos em vídeo, se envolve com temas de materialidade e forma, função e obsolescência, forças múltiplas que dão forma a nosso ambiente industrial contemporâneo.

<sup>9</sup> Ichwan Noor: Indonésia, 1963, conhecido por suas esculturas envolvendo formas humanas, animais e tecnológicas, foi treinado na Escola de Artes Visuais do Instituto de Artes da Indonésia (ISI) em Yogyakarta, e tornou-se professor de Belas Artes na Universidade de Yogyakarta.



Figura 10 - Beetle sphere, 2013.

Também o famoso Vochol<sup>10</sup>. (figura 11) Um Fusca que foi decorado pelas comunidades rurais que vivem em Sierra Madre Occidental do estado de Jalisco, México. Um projeto criado entre a Associação de Arte Huichol e a Volkswagen<sup>11</sup> do México, para gerar apoio as famílias pertencentes da comunidade. Foi agregada em toda lataria do fusca, mais de 2 milhões de contas de vidro e fios coloridos para formar padrões tradicionais da Arte Huichol. A tradição da Arte Huichol parte de visões dos xamãs em transe durante o ritual, que fazem o uso da bebida "hikuri". E geralmente eles estampam essas imagens do inconsciente em diferentes materiais e superfícies.



Figura 11- Vochol, 2010 / Foto: Vohol aamap

Ao me deparar com a artista Lorraine Loots<sup>12</sup>, fiquei impressionada com a capacidade que ela tinha de criar objetos e cenários em micro pinturas em aquarela (figura 12), ela utiliza uma lupa para auxiliar no processo de desenho e

---

<sup>10</sup> Vochol: união entre a palavra "vocho", carro sedan e a palavra "huichol" nome comum para se referir ao grupo étnico indígena

<sup>11</sup> Volkswagen: uma das maiores fabricantes de automóveis do mundo. Fundada em 28 de maio de 1937 pelo governo alemão como parte de um projeto de produção de carros acessíveis para as pessoas, um "carro do povo", daí o nome Volkswagen ("carro do povo" em alemão). Inaugurada no Brasil em 1953, em São Paulo e no México em 1964, em Puebla. O carro icônico criado sob esse projeto foi o Volkswagen Fusca, ou "Beetle" em inglês.

<sup>12</sup> Lorraine Loots: Cidade do Cabo, 1985 é uma artista e miniaturista sul-africana, ela criou representações em miniatura de paisagens circulares e objetos do cotidiano em um fundo branco.

pintura. Embora não utilizasse este recurso na época, apenas como auxílio para o espectador, senti uma identificação.



Figura 12 - Brooklyn Bridge, 10x10 cm. 2013

Assim, fui aos poucos tentando incorporar essas referências. Cheguei à conclusão que eu deveria desmanchar o fusquinha, pesquisei em antigos manuais da Volkswagen e classifiquei cerca de 150 principais peças. A ideia era pintar cada elemento em um papel de 10 cm x 10 cm cada, e o desenho teria no máximo 3 cm x 3 cm. (figura 13) Para conseguir a referência dessas imagens, foram necessárias visitas a mecânicos, montar um cenário com luz ideal, fotografar e reproduzir. Inicialmente, esses pedacinhos de fusca significavam a forma que eu enxergava o meu fazer artístico.

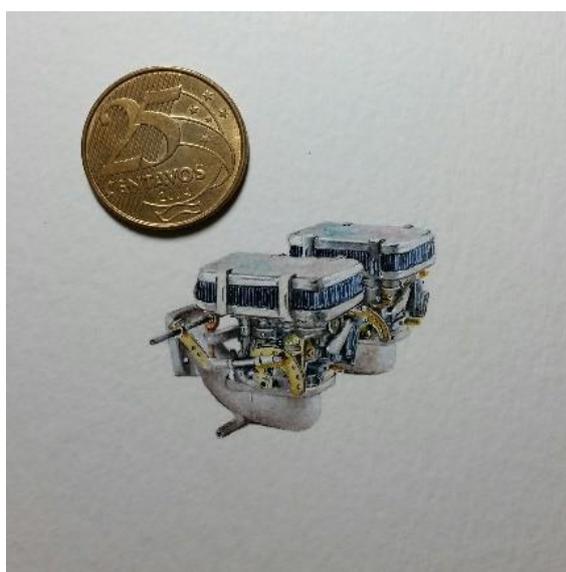


Figura 13 Carburador. Aquarela e lápis sobre papel. 10x10 cm. 2014

Queria expandir o objeto, desmembrar, para depois remontar, como uma peça de quebra cabeça. Ao longo do semestre, desenhei um total de 85 micro aquarelas, entre elas, o virabrequim, o carburador, o pistão. (figura 14) Estava tão familiarizada com as peças que conseguia montar um Fusca com facilidade. Fui percebendo uma ambiguidade em relação a esse universo que tradicionalmente faz parte do universo masculino, sujo, agressivo, mas eu me apropriava daquilo e deixava de alguma forma delicado, retirando objeto o espaço original dele, além de manter novamente suspenso no fundo branco do papel. Eu retirava objeto do lugar que tinha uma função inicial para unir com outro objeto e juntas essa peça formava outras peças que formavam outras peças e no final elas faziam parte de um de um funcionamento de locomoção, mas no momento que eu retiro essas peças do lugar eu retiro também a função delas, além de reduzir o tamanho.

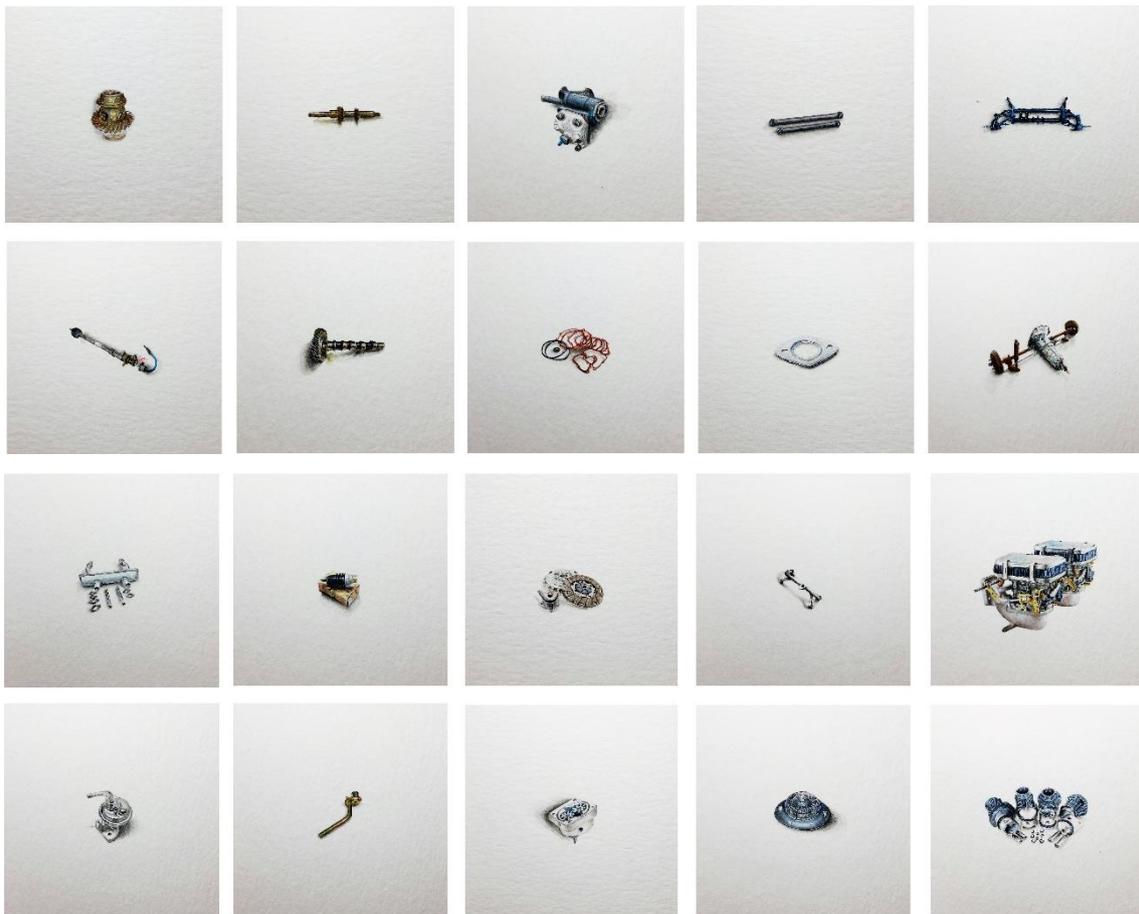


Figura 14 Série "Desmonte", 2015.

#### 4. O ABISMO

Foi acontecendo uma sucessão de traumas que não dava tempo de recuperar, todos esses acontecimentos foram em março, antes de começar as aulas. Mal conseguia ter cabeça para estudar. Aos poucos fui perdendo ânimo, desenhar e pintar tinha se tornado uma obrigação e não algo prazeroso como antes, fui me afastando de tudo, meus amigos, família, estudos. A única coisa que eu fazia era dormir. Tudo era cansativo, falar, levantar da cama, comer, tomar banho, etc.

Tentei me forçar a continuar desenhando mesmo nessa situação, mas só serviu para sentir aversão daquilo que eu estava fazendo. Com a depressão instalada, não consegui dar continuidade nessa série, que permanece incompleta com 85 pecinhas até hoje e nunca foi exposta individualmente. (figura 15)



Figura 15 – Série inacabada. "Desmonte". 2015

Permanecer naquele estado depressivo foi me afastando aos poucos do objeto inanimado. Eu tinha sempre a mão um caderninho de desenhos que estava sempre comigo como objeto de apoio, nunca tive o hábito de rabiscar, meus desenhos eram sempre fechados dentro de uma proposta que eu achava ser alguma temática, como os fusquinhas. Então esses cadernos nunca tinham sido usados, mas andar com eles mesmo permanecendo em branco me dava alguma segurança, (é interessante pensar que mantenho esse hábito até hoje, com caderninhos que eu acho fofo e garrafas de água. Compro na esperança de que esse objeto vai fazer com que eu tenha vontade de desenhar livremente ou

beba mais água, no início até funciona, faço uns 3 ou 4 desenhos, mas aos poucos vai perdendo a intensidade, acho que vai deixando de ser novidade e quando vejo tenho uma coleção de cadernos em branco cheios de esperança e garrafas de água nunca bebidas.

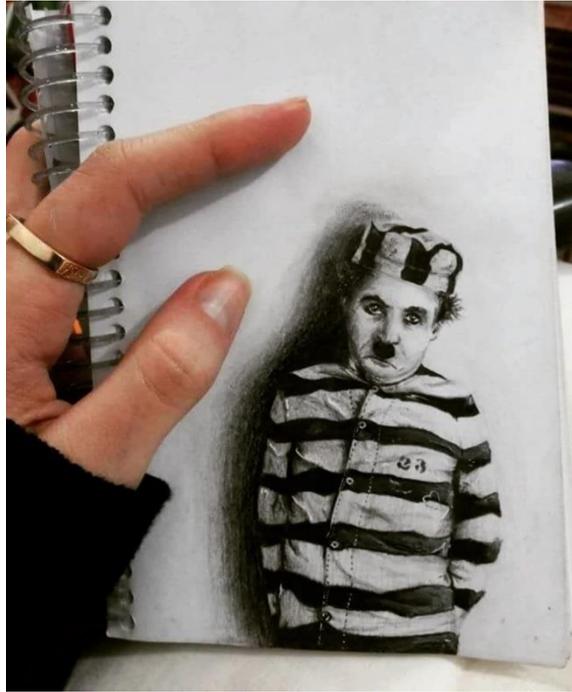
Revisitando as minhas redes sociais hoje, percebo a mudança de comportamento em relação aos desenhos de figuras humanas, nunca tive vontade de, ou paciência para estudar anatomia e acabava não gostando do resultado final. Faltava prática, mas na minha cabeça teimosa e obsessiva, queria um resultado perfeito na primeira tentativa. Era difícil também não me permitir soltar a mão, não consigo ter um traço solto, fluido, descompromissado, é sempre preso e pensado dentro do meu imaginário. Mas mesmo com essas dificuldades, foi surgindo alguns estudos de figura humana nesses caderninhos.

Era muito comum eu desenhar palhacinhos, Pierrot, Marionetes. (figura 16) Por achar que seria mais fácil esconder as minhas fragilidades em relação às técnicas, pois esses personagens já estavam redesenhados por conta da maquiagem, dos adereços e das perucas.



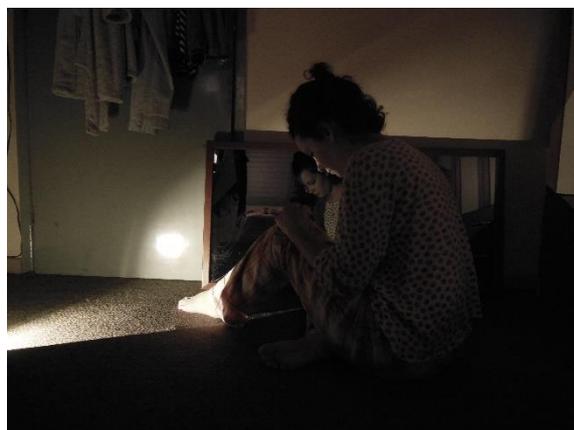
Figura 16 -- Estudo. aquarela sobre papel. 10x15cm. 2015

Então o erro ficava de certa forma encoberto pela própria referência, eu não precisava admitir que era falta de habilidade. E apesar da temática infantil, as expressões sempre estampavam melancolia, os tamanhos pequenos e a mania em me prender aos detalhes, esses desenhos acabavam ficando fofos e tristes, apenas isso. (figura 17)



*Figura 17 estudo Charles Chaplin. nanquim e lápis sobre papel. 10x15cm. 2015*

Outra dificuldade que eu fui sentindo foi a necessidade de referências fotográficas, às vezes, eu pensava em determinada imagem em alguma posição específica, e acabava ficando refém da fotografia alheia, não encontrava nada parecido nos livros ou internet. Então a solução era me fotografar. Não tinha câmera e nem tripé, usava o celular no modo frontal, apoiava em algum objeto, deixava na opção temporizador e saía correndo, derrubando tudo para dar tempo de me posicionar como eu imaginava. Esse processo levava horas e era muito cansativo. O espaço que eu tinha era apenas o meu quarto, a luz não era boa, a resolução do celular era pior ainda, fora ter que brigar comigo mesma tentando me explicar que nunca conseguiria recriar uma imagem que estava apenas na minha cabeça. (figura 18)



*Figura 18 Fotografia para estudo de corpo. 2016*

Ficar muito tempo trancada em casa encontrando um tratamento possível para depressão foi me levando a observar e repensar o meio que eu vivia e as pessoas que faziam parte dele. Acabava fotografando a casa, as roupas penduradas no gancho atrás da porta, os jornais que meu pai gostava de colecionar, os potes empilhados e nunca usados na cozinha, eu gostava de registrar esses acúmulos de objetos sem sentido, de alguma forma tentava criar conexão entre a quantidade de fuscas que desenhei ao longo dos anos, o número expressivo de pecinhas que se interligavam, e, por mais que esses objetos não fizessem sentido algum pra mim, faziam para os meus afetos e de alguma forma era como se eu tentasse me apropriar dessas coisas e as ressignificar através do desenho. Fiz alguns desenhos pequenos de peças de roupas dos meus pais, dessa vez, não montei um cenário na minha cabeça, simplesmente fotografei como eles haviam deixado, estavam ali, à espera deles, e eu capturei. (figura 19)



*Figura 19 estudo de roupas penduradas. aquarela e lápis sobre papel. 10x10 cm. 2015*

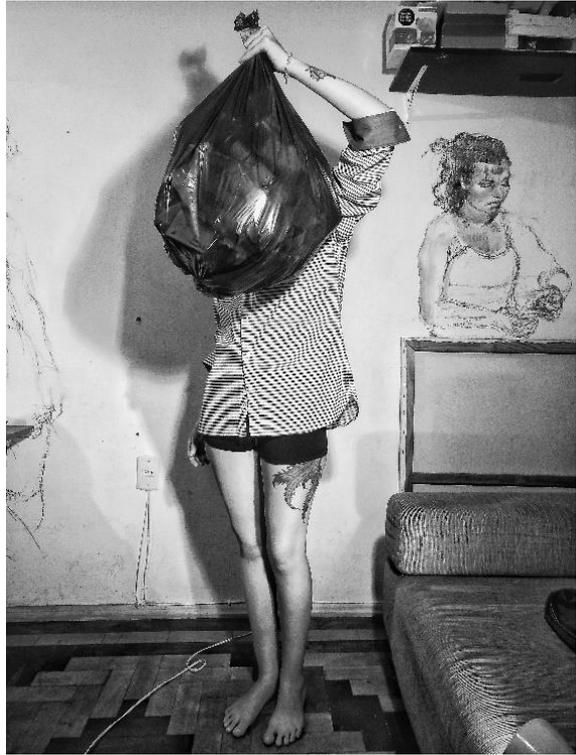
Esses experimentos foram me levando a pensar sobre a quantidade de coisas que acumulamos ao longo da vida e o esvaziamento de significados, o apego ao inanimado, essa ambiguidade entre o afeto e desprezo, o que é importante e porque é importante para alguém, pode ser absolutamente nada para o outro, e o que é o nada no meio de tudo isso. E isso me levou a fotografar

e desenhar pilhas de lixo nas ruas do bairro, queria entender a ação do desfazer-se de algo e o simbolismo por trás disso tudo. Mas ainda não estava satisfeita, não parecia fazer parte daquilo que eu estava tentando entender, hoje eu percebo que fazia parte de uma peça do quebra cabeça do processo. Tinha em mente, criar uma série de desenhos (feitos em papéis que iriam ser jogados fora) de sacos de lixos achados na rua (figura 20), que em algum momento teve determinada importância ou sentido para alguém, e seja lá por qual motivo, foi descartado.



Figura 20 – Estudo sobre o lixo. aquarela e lápis sobre papel.42x29,7. 2017

A ideia era expor esses trabalhos e na abertura da exposição, diante do público, simbolicamente, iria amassá-los e jogá-los fora, assim, novamente, o que era objeto constituído de sentido, deixaria de ser. Mas invés disso, resolvi adicionar um novo elemento: o meu corpo. Foi importante esse movimento, porque além do exercício de representar a figura humana, que sempre foi uma tarefa que eu achava complicada, eu literalmente me agarrava ao lixo do outro, e, me colocando junto desses resíduos (figura 21). Ao mesmo tempo eu me questionava sobre qual era o meu lugar em relação a essas coisas, o que eu sou, senão um amontoadinho de significados (ou ausência de) que daqui há alguns anos não vai ser nada além de lembrança, e depois nem isso, a mente de uma pessoa depressiva é angustiante.



*Figura 21 Fotografia para estudo sobre o lixo. 2017*

## 5. AUTORRETRATO

Eu era tão tímida, que a primeira vez que tive aula com modelo vivo, fiquei em estado de choque ver a colega nua na minha frente, tive uma crise de risos, porque, por mais vergonha que eu tivesse, eu achava lindo e sentia uma necessidade de sentir essa liberdade de ser alguém que não tem vergonha em tirar a roupa em público, foi preciso alguns anos para conseguir quebrar essa resistência na minha cabeça da roupa como objeto de proteção, quase como um escudo.

O primeiro estudo que fiz usando meu corpo e o resto de outras pessoas, foi um desenho num papel formato A1<sup>13</sup> (Figura 22). Montei a imagem de referência para criar a fotografia pensando em todas as coisas que a minha mãe acumula e não usa, como caixas de sapato, potes, roupas velhas, e assim, escondida dela, eu peguei coloquei dentro de um saco de lixo de 100 litros e segurando na altura da cintura, fotografei. Eu não queria meu rosto aparecendo na imagem porque não queria que gerasse uma identificação de quem eu era e sim daquilo que eu queria expressar, o apego a ausência de significado (ou inutilidade).

---

<sup>13</sup> Formato A1: Tamanho 594x841mm.



*Figura 22 estudo sobre lixo. pastel seco e carvão sobre papel. 84,1x59,4cm. 2017*

Em um outro estudo, de novo, eu coloco os objetos de apego da minha mãe que considerava inúteis em um saco de lixo, e coloco outros itens, os jornais que meu pai colecionava, os tênis que minha mãe detesta (e que por ela, já teria colocado fora) e subo em um banquinho que era do meu avô, ele usava para tirar leite das vacas, mas hoje fica jogado num canto da cozinha, sem utilidade alguma (figura 23). Momentaneamente, todas essas coisas sem significado, montadas ali num cenário, viram outra coisa completamente diferente, até se esvaír e novamente voltar a serem o que eram.



Figura 23 “Segurando lixo”. nanquim sobre papel. 29,7x21 cm 2017

Senti a necessidade de aumentar o tamanho dos desenhos, pois, diferente de um simples objeto, como um fusca, ou uma peça, ou até mesmo o lixo, seria possível com poucos movimentos, dar forma e expressar aquilo como sendo aquilo, mas um corpo é diferente, tem uma série de camadas que vão juntas montando o todo, a textura da pele, a elevação que a musculatura e os ossos exercem sobre a própria superfície da pele (figura 24).



Figura 24 estudo. grafite sobre papel. 29,7x21 cm 2017

É muito fácil um desenho ficar estranho se algum traço não estiver no lugar certo (para o meu olhar), e era mais fácil ainda eu encontrar algum defeito

no desenho a ponto de fazer eu desistir dele. Abandonei muitos estudos no meio do caminho, ao invés de tentar terminar para dar continuidade no exercício, poderia inclusive fazer uma série só de desenhos inacabados, que nunca foram. (figura 25, 26, 27 e 28)

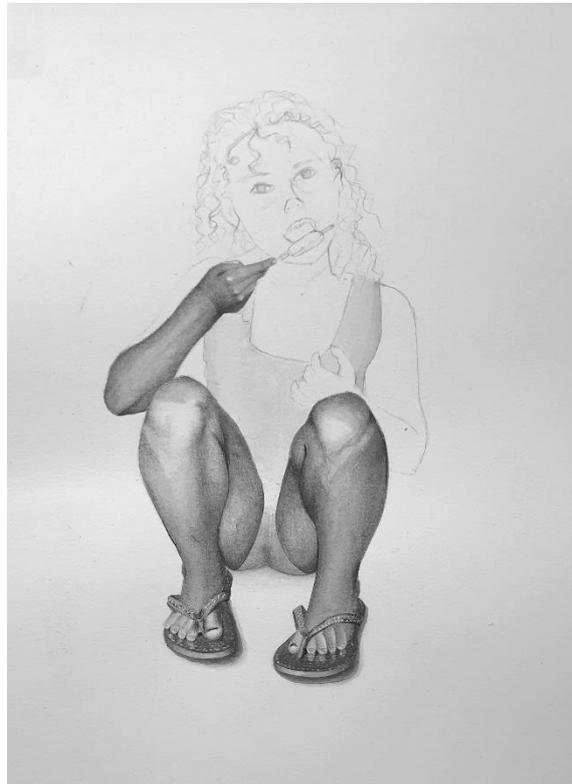


Figura 25 Estudo infância. Nanquim e carvão sobre papel 21x29,7cm. 2017



*Figura 26 Estudo balão. nanquim sobre papel. 21x29,7cm. 2017*



Figura 27 Estudo bolha. Nanquim sobre papel. 29,7x42cm. 2018



*Figura 28 Estudo Expressão. Nanquim e carvão sobre papel. 21x21 cm. 2018*

Fui criando o hábito de andar pelos bairros fotografando objetos pelo caminho, deixados ao acaso, quase como uma brincadeira, subia nos bancos da praça tentando me equilibrar (figura 29), recolhia um pedregulho e tentava jogar para cima, sentava numa gangorra sozinha, às vezes as crianças tentavam interagir comigo, pedindo para jogar bola com eles. Por mais “adulto” que eu tente pintar ou desenhar, de alguma forma sempre acaba ficando com um ar fofo, como se eu usasse da ferramenta do que é o desenho como um eterno brincar, o desenho é um dispositivo que me desliga do mundo real e me leva de volta a infância (figura 30).



Figura 29 "Brincadeira no banco da praça". nanquim sobre papel. 29,7x 21 cm. 2017

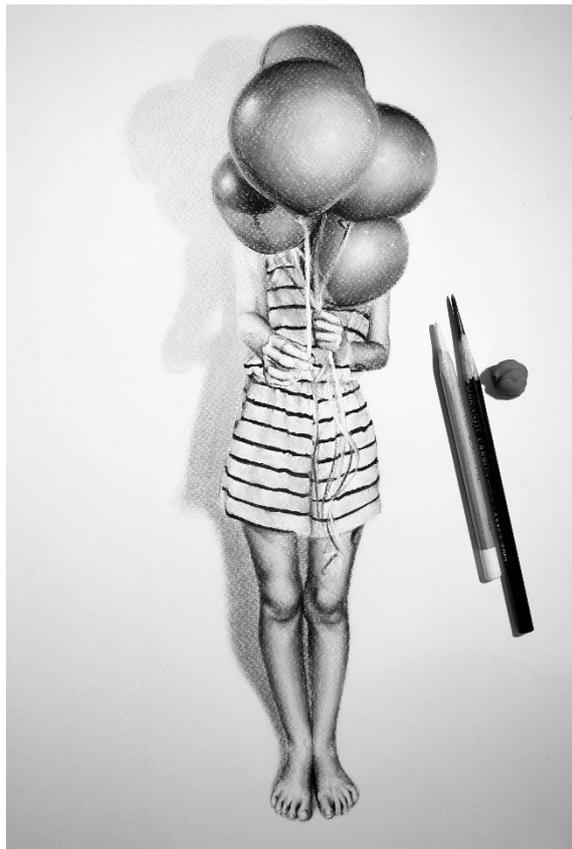


Figura 30 "Segurando balão". pastel e carvão sobre papel. 42x29,7 cm. 2018

Numa tentativa de retomar os estudos, matriculei-me de Oficina de Técnicas Pictóricas, na época com o professor e amigo Marcos Fioravante<sup>14</sup>, ele foi mostrando diversos materiais de pintura que até então eu não havia utilizado, como a têmpera ovo<sup>15</sup>, técnica antiga usava por alguns artistas durante a Renascença, basicamente é a mistura de pigmento, água e aglutinante, no caso, uma gema de ovo. Mas de todos esses materiais que foram apresentados, a tinta óleo foi a que mais me despertou à atenção, na mistura do pigmento com o óleo de linhaça, é necessário um tempo até secar totalmente. Existem diversos fatores que influenciam esse tempo, como a espessura de cada camada<sup>16</sup>, a adição de diluentes e, até mesmo o pigmento, a cor branca, por exemplo, é um dos pigmentos que mais demoram a secar e é necessário levar em consideração, pois se for colocada uma camada de branco antes de secar e adicionar em cima uma camada de azul, em algumas semanas, a tinta debaixo vai ter craquelado. Gostaria de ter aprendido e respeitado isso antes de perder algumas telas pelo caminho.

Depois de descobrir o óbvio sobre a tinta óleo e as suas possibilidades de trabalhar nela por mais tempo, tentei aumentar as dimensões do suporte, queria me propor o desafio de pintar no mesmo tamanho que possui o meu corpo, no caso 1,57 m, e foi nesse momento que eu desejei ser mais baixinha. Iniciei uma série de três telas de 180cm X 70 cm. (figura 31) Queria me livrar dos objetos que costumava usar nas fotografias, na época não sabia ao certo o que essas coisas significavam, então eu presumi que eram apenas formas de apoio que usava para esconder meu corpo, então fui pensando na ideia de “me livrar” dessas coisas, inclusive as roupas que usava, deixando apenas o corpo. A essa altura estava um pouco mais fácil de montar a imagem de referência, pois havia comprado uma câmera fotográfica semiprofissional que conectava com o celular. Eu podia parar em na posição, olhar como estava e disparava o clique.

---

<sup>14</sup> Marcos Fioravante: Artista visual. Dedicou-se, sobretudo, ao desenho. Doutorando e Mestre em Poéticas Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Bacharel em Artes Visuais pela mesma instituição.

<sup>15</sup> Tempera ovo: A têmpera é uma técnica de pintura na qual os pigmentos ou os corantes podem ser misturados com um aglutinante. Esse aglutinante pode ser uma emulsão de água e gema de ovo, o ovo pode ser inteiro, ou somente a clara.

<sup>16</sup> Tempo secagem: O tempo de secagem das tintas desta gama é também uma característica essencial da pintura a óleo. Dado que a tinta se mantém viscosa e úmida durante alguns dias, o pintor pode intervir nesse intervalo. Todas as cores se tornam secas ao toque entre 2 e 12 dias



Figura 31 Fotografia. processo de trabalho. 2018

Todas essas escolhas de imagem eram inconscientes, não tinha ideia do que significava ao certo, mas como estava em tratamento psicológico/medicamentoso e oscilando entre euforia e depressão, acabei me referindo a essas imagens como arquétipos<sup>17</sup> de sonhos, como se eu estivesse tentando dizer alguma coisa para mim mesma (figura 32).

Há, ainda, certos acontecimentos de que não tomamos consciência. Permanecem, por assim dizer, abaixo do seu limiar. Aconteceram, mas foram absorvidos subliminarmente, sem nosso conhecimento consciente. Só podemos percebê-los em algum momento de intuição ou por um processo de intensa reflexão que nos leve à subsequente compreensão de que *devem* ter acontecido. E apesar de termos ignorado originalmente a sua importância emocional e vital, estas mais tarde brotam do inconsciente como uma espécie de segundo pensamento. Este segundo pensamento pode aparecer, por exemplo, na forma de um sonho. Geralmente, o aspecto inconsciente de um acontecimento nos é revelado por meio de sonhos, onde se manifesta não como um pensamento racional, mas como uma imagem simbólica. Do ponto de vista histórico, foi o estudo dos sonhos que permitiu, inicialmente, aos psicólogos investigar o aspecto inconsciente de ocorrências psíquicas conscientes. (Jung, 2008, p. 22)

---

<sup>17</sup> Arquétipos: De acordo com Jung, arquétipos são modelos que idealizamos para dar algum valor momentâneo ou não a alguém.

Talvez estivesse apenas fascinada pelo livro que estava lendo na época, O Homem e Seus Símbolos do Carl Gustav Jung<sup>18</sup>. Mas de qualquer forma, tentei incorporar esse referencial teórico no meu trabalho, sem entender a raiz do que realmente era.



Figura 32 "Silêncio!". óleo sobre tela. 180x70 cm. 2018

---

<sup>18</sup> Carl Gustav Jung: (1875-1961) foi um psiquiatra suíço, fundador da escola da Psicologia Analítica. Desenvolveu os conceitos da personalidade extrovertida e introvertida, de arquétipos e do inconsciente coletivo.

Fiquei tão empolgada quando percebi que havia conseguido concluir uma tela maior que eu, a ponto de quase no mesmo dia, iniciei uma nova tela do mesmo tamanho, dessa vez, a imagem era o contraponto da outra, fundo escuro, me cobrindo quase inteiramente com um tecido listrado e, levei apenas um mês para terminá-la. (figura 33)



Figura 33 "Investigação em Torno da Palavra Eu". Óleo sobre tela. 180x70 cm. 2018

## 6. ARTE, POLÍTICA E PANDEMIA

No mesmo ano que essas telas foram concluídas, foram ocorrendo diversos fatores que me levaram estar onde estou no momento.

Em 2018, aconteceu dia 14 de março, dois dias depois do meu aniversário, o assassinato da vereadora Marielle Franco<sup>19</sup>, conclui a primeira tela no início de maio, a segunda tela no final de junho. Foi ficando cada vez mais intensa a situação no país com a possível eleição de um fascista<sup>20</sup>. Dia 29 de setembro fui com algumas amigas na primeira manifestação política, intitulada “Ele Não”. (figura 34)



Figura 34 Fotografia. Ato "Ele Não!" 2018

O primeiro turno das eleições ocorreu no dia 7 de outubro. O resultado me levou a deixar meus traumas de lado e ir sozinha a pela primeira vez em um ato, no dia 25 de outubro. (figura 35)



Figura 35 Fotografia Ato Brooklyn. 2018

---

<sup>19</sup> Marielle Franco: Marielle Francisco da Silva, Rio de Janeiro, 27 de julho de 1979 – Rio de Janeiro, 14 de março de 2018, foi uma socióloga, ativista e política brasileira.

<sup>20</sup> Fascista: termo que se refere a uma ideologia política de extrema direita, caracterizada por um forte nacionalismo, autoritarismo, militarismo e desrespeito pelos direitos individuais e liberdades civis.

Bolsonaro<sup>21</sup> venceu no segundo turno no dia 28 de outubro. Logo após, acontece o 22º Salão de Artes Plásticas de Porto Alegre, no qual fui selecionada para compor a exposição, além de ter sido premiada na categoria “Incentivo a Criatividade” (figura 36).



Figura 36 Cerimônia de premiação do 22º Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Porto Alegre

Uma semana depois, no dia 12 de novembro, apresento a pré-banca meu texto sobre o andamento do fazer artístico até aquele momento (ufa!) (figura 37).



Figura 37 Fotografia. Aquarela “Desmonte” ao lado de identificação Salão e premiação. 2018

Todo esse processo me ajudou a parar e tentar assimilar que o meu estado de depressão, as minhas dores físicas e psicológicas não estavam desconectadas da realidade que eu habitava, eu fui me dando conta de que eu fazia parte de um todo e que eu poderia e deveria usar o meu trabalho como ferramenta de indignação. Além desse despertar, percebi uma melhora significativa em relação a minha fobia social, me colocar nesses espaços

---

<sup>21</sup> Bolsonaro: ex-militar reformado e político brasileiro (inelegível), sem partido. Foi o 38º presidente do Brasil, de 1.º de janeiro de 2019 a 31 de dezembro de 2022, tendo sido eleito pelo Partido Social Liberal (PSL).

povoados de gritos e confusão. Era comum eu entrar numa espécie de transe coletivo em meio as palavras de ordem.

[...] Nas mencionadas relações com os pais e os irmãos, a pessoa amada, o amigo, o professor e o médico, o indivíduo sempre experimenta a influência de apenas uma única pessoa ou de um número muito pequeno delas, das quais cada uma adquiriu para ele um significado imenso. Ora, quando se fala de psicologia social ou das massas, costuma-se desconsiderar essas relações e isolar como objeto de investigação a influência simultânea exercida sobre o indivíduo por um grande número de pessoas com as quais ele está ligado por um vínculo qualquer, enquanto que normalmente, sob muitos aspectos, essas pessoas podem lhe ser estranhas. Portanto, a psicologia das massas trata do indivíduo como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição ou como elemento de um grupo de pessoas que, em certo momento e com uma finalidade determinada, se organiza numa massa. (FREUD, Sigmund;, 2011, p. 15)

Eu pesquisava os locais e horários onde os atos estavam programados e ia faceira com a minha câmera debaixo do braço fotografar, tudo aquilo me fascinava, as palavras de ordem, cartazes, gente cantando, crianças na garupa dos pais, as vezes encontrava algumas pessoas conhecidas perdidas entre os milhares de desconhecidos, mas na maioria das vezes, era uma experiência que eu gostava de fazer sozinha, como telespectadora, mas era acolhedora a sensação de estar sozinha não estando.

A essa altura, já utilizava meu corpo nos desenhos, tentando reafirmar a minha existência como mulher, como artista e feminista, mas não queria apenas reproduzir meu corpo, a possibilidade de identificação ainda era algo que me incomodava, e por essa razão, de alguma forma, sempre tentava posicionar meu rosto de lado, ou simplesmente escondia com os cabelos ou as mãos. Qualquer artifício que eu pudesse me apropriar um pouco mais sobre a distorção do rosto.(figura 38)



Figura 38 fotografia Katiúscia Renata Paiva Nunes. 2018

Por uma necessidade em relação aos encaminhamentos do país, a constante opressão que os artistas estavam sofrendo na época, decidi me filiar em um partido político, até para estudar melhor sobre quais movimentos eu poderia exercer dentro daquele cenário. E no dia 10 de abril de 2019, me filiei ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL)<sup>22</sup> pela identificação com os ideais de justiça social, igualdade de gênero e diversidade sexual. Acabei participando de muitas reuniões, plenárias, manifestações. O feminismo foi ganhando espaço no meu processo e dessa forma fui me aproximando cada vez mais da artista Frida Kahlo<sup>23</sup>.

Como se não bastasse o contexto político que estávamos passando, foi surgindo rumores de um vírus<sup>24</sup>, algo nunca presenciado pela nossa sociedade atual. Com o alta contaminação num curto espaço de tempo, a pandemia caiu de paraquedas na vida de todo mundo. Eu e minha mãe fazíamos parte do grupo de risco, ela por ser diabética e hipertensa, eu por problemas renais, iniciamos o isolamento logo nos primeiros dias em que foi decretado no Brasil, no início de

---

<sup>22</sup> PSOL: O Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) é um partido político brasileiro de esquerda, fundado em 2004, após uma cisão do Partido dos Trabalhadores (PT).

<sup>23</sup> Frida Kahlo. Magdalena Carmen Frida Kahlo. Coyoacán, 6 de julho de 1907 — Coyoacán, 13 de julho de 1954, foi uma pintora mexicana conhecida pelos seus muitos retratos, autorretratos, e obras inspiradas na natureza e artefatos do México. Inspirada pela cultura popular do país, empregou um estilo de arte popular naïf para explorar questões de identidade, pós-colonialismo, gênero, classe, e raça na sociedade mexicana.

<sup>24</sup> Coronavírus: A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos.

março de 2020. Meu pai, um convicto negacionista, motorista de ônibus, permaneceu trabalhando pois estava na lista de trabalhos essenciais. Nesse sentido, o conflito era inevitável.

Há alguns anos, havia lido Ensaio Sobre a Cegueira, de José Saramago<sup>25</sup>, e, por uma certa tendência ao humor ácido, resolvi reler. Afetados por uma inexplicável cegueira, que se espalha rapidamente, como um vírus, O livro explora como a sociedade lida com essa situação de crise, expondo as fragilidades e complexidades das relações humanas quando confrontadas essas adversidades. Ironicamente, fantasia e realidade se cruzavam.

Na mesma época, foi surgindo milhares de pessoas manifestando sua insatisfação para com o governo e o modo como estavam lidando com a pandemia, ironizando o vírus, negligenciando a saúde dos mais vulneráveis, incitando a população ao não isolamento social. O trabalho foi inspirado nas palavras do imigrante haitiano, que teve a coragem de infiltrar-se entre os apoiadores de Bolsonaro na noite do dia 17 de março de 2020 e fez o pedido para o presidente deixar o cargo, pois não estava agindo de acordo com a realidade que estávamos passando naquele momento. Estávamos apenas no início da pandemia, e conforme o tempo foi passando e as mortes no Brasil acumulando, Bolsonaro seguia cometendo quase que diariamente, diversos atentados contra a saúde pública, um completo desrespeito ao cargo que lhe foi concedido através do voto, mas principalmente aos brasileiros que perderam suas vidas e a dor dessas famílias.

Assim como o artista pernambucano Gil Vicente<sup>26</sup> em sua série intitulada “Inimigos” iniciada em 2005, (figura 39) fui encorajada a realizar autorretrato declarando minha indignação perante as atitudes desnecessárias do nosso presidente.

---

<sup>25</sup> José Saramago: (1922-2010) escritor português. Destacou-se como romancista, teatrólogo, poeta e contista. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura o Prêmio Camões.

<sup>26</sup> Gil Vicente: 1958. Pintor, desenhista, gravador, fotógrafo e escultor. Inicia seus estudos na Escolinha de Artes do Recife em 1972 e, a partir de 1974, também frequenta os ateliês da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.



*Figura 39 Autorretrato Fernando Henrique Cardoso, 2005, carvão sobre papel, 200x150 cm*

Não sendo tão agressiva como Vicente, utilizando armas e facas para “matar” seus inimigos, fez o uso de máscara, luvas, utensílios também utilizados para conter a disseminação do novo Coronavírus, e uma fotografia de Bolsonaro, simbolizando que aquela imagem era uma espécie de vírus a ser destruída.(figura 40)



Figura 40 "Você Não é Presidente Mais". carvão e grafite sobre papel. 84,1x59,4 cm. 2020

Com o surgimento do Novo Coronavírus, pude finalmente encaixar a angústia da leitura ao meu processo. Extremamente atual, a literatura de Saramago por vezes nos faz confundir realidade e fantasia de forma assustadora e sombria, como no trecho retirado do livro no dia em que registrei o autorretrato de referência para o desenho. Como na história, fomos jogados pelo governo numa quarentena sem recursos, à própria sorte, alguns, por desespero ou fome, encontram um mundo perverso, que por ganância tentam submeter os mais vulneráveis as suas próprias regras. A importância desse trabalho se dá pelo fato de eu assumir a presença do meu corpo como sendo autorretrato por conta da subjetividade de me colocar como agente ativa praticando a ação de estar lendo o livro, algo impossível dentro do universo do autor, e ao mesmo tempo estar vivendo uma pandemia parecida, pois estávamos cegos diante dos acontecimentos, normalizando o número expressivo de mortes diárias, e diferente do que ocorreu na cidade fictícia, nossa condição não iria simplesmente desaparecer como num passe de mágica (figura 41).

[...] Nos primeiros momentos pensou-se que os soldados iam irromper pelas camaratas dentro varrendo à bala tudo o que encontrassem pela frente, o governo mudara de idéias, optara pela liquidação física em massa, houve quem se metesse debaixo das camas, alguns, de puro medo, não se mexeram, uns quantos talvez tenham pensado que era melhor assim, para pouca saúde mais vale nenhuma, se uma pessoa tem de acabar, que seja depressa. Os primeiros a reagir foram os contagiados. Tinham começado por fugir quando se desatou a fuzilaria, mas depois o silencio animou-os a voltar, e outra vez se aproximaram da porta que dava acesso ao átrio. Viram os corpos amontoados, o sangue sinuoso alastrando lentamente no chão lajeado, como se estivesse vivo, e as caixas da comida. A fome empurrou-os para fora, estava ali o ansiado alimento, é verdade que era destinado aos cegos, o deles seria trazido a seguir, de acordo com o regulamento, mas agora o regulamento que lixasse, ninguém nos vê. (SARAMAGO, 1995, p. 90)

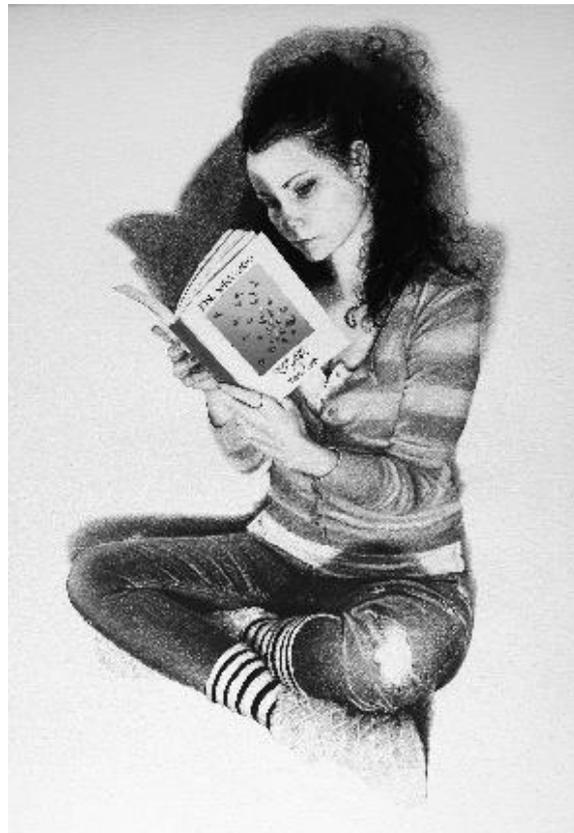


Figura 41 "Os Primeiros a Reagir Foram os Infectados".  
carvão, pastel seco e grafite sobre papel. 84,1x59,4 cm 2020

2.841, foi apenas um dos vários números expressivos de mortes diárias registradas em 24h durante a semana do dia 20 de março de 2021 nesse sentido, utilizei meu pai de referência, tanto para o uso de imagem para o desenho, como uma crítica direta por ser um dos disseminadores diretos do vírus (figura 42).

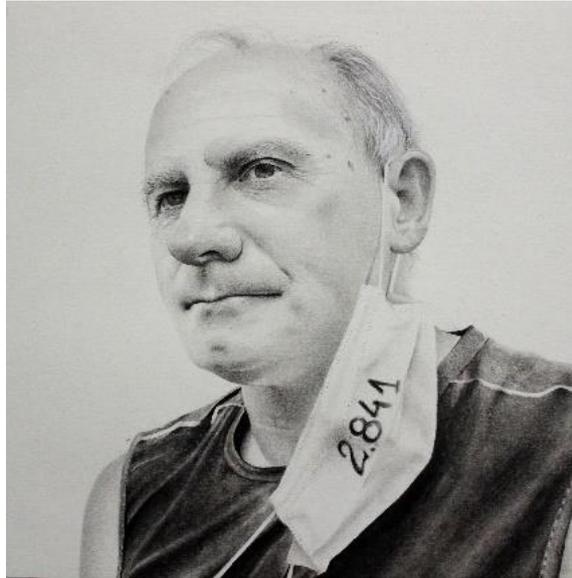


Figura 42 "2.841". Carvão e grafite sobre papel. 20x20cm. 2021

Diferente das ferramentas de linguagem que eu costumava utilizar, como o desenho, “Respira” foi uma performance pensada e reproduzida a quatro mãos, em parceria com o Valdir. Montamos uma estrutura para recriar a agonia da asfixia, sensação parecida com a que as pessoas contaminadas pelo coronavírus passavam, com o agravamento da doença. E dessa forma, coloquei o meu corpo como experimento, fui literalmente embalada dos pés à cabeça com plástico transparente, respirando apenas através de um inalador nebulizador. (figura 43)



Figura 43 Respira; Performance; outubro de 2020.

“Eterno Resistir | Eu Quero Acabar Com Essa Mulher no Mundo”, consiste em uma Performance coletiva entre eu e Valdir, que traz à tona o apagamento das Mulheres no cotidiano. Estamos pensando e desenvolvendo este trabalho que vem ao encontro de um processo de autocrítica, observação e ativismo dentro do movimento feminista. Assistimos a cada dia notícias de atos de violência contra a mulher: negligencias, abusos, feminicídios, etc. Percebemos

a necessidade de demonstrar de forma metafórica, porém didática, o que ocorre diariamente no campo das artes visuais. É necessário ressaltar que estas violências ocorrem em todos os campos de atuação da mulher.

Os autorretratos desenhados de forma minuciosa e detalhada demoram um longo período na sua produção. Requer esforço físico e mental. Uma vida inteira representada no papel, onde se expressam parte dos seus desejos e projeções.

O apagamento por sua vez é rápido e mesmo que de alguma forma exista a possibilidade de visualização de parte do que restou dos desenhos, a identificação e reconhecimento de todo o processo de trabalho não é pleno, baseia-se na busca e permanência da identidade de gênero, no caso, feminina, cisgênero e heteronormativa. Através da produção e reprodução sistemática da própria imagem (autorretratos), numa tentativa de reconhecimento e resistência sobre essa invisibilidade imposta dentro do meio artístico (figura 44).



*Figura 44 fotografia. performance "Eterno Resistir | Eu Quero Acabar Com Essa Mulher no Mundo". 2022*

Em meio de uma exposição de desenhos, no decorrer da performance, um homem, nesse caso sendo representado pelo Valdir Lara de Andrade Junior, aparece e simplesmente inicia o apagamento do meu trabalho. Numa possível tentativa de resgate a própria imagem, eu volto a desenhar ou pintar, sobrepondo novos traços no que restou do trabalho anterior.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir essa etapa do curso foi algo que, muitas vezes, eu achava que não iria conseguir. Pensar que eu ingressei na Universidade em 2010 com 17 anos e hoje, nesse finalzinho, com 31 anos, sendo uma mulher completamente diferente do que eu era e do que eu imaginava que seria. Presenciei momentos e conheci pessoas que gostaria de nunca ter passado perto, e, não digo que foram necessárias essas experiências para eu me tornar a pessoa que sou hoje, mas sim que, apesar dessas vivências, permaneço aqui e percebo que esse tempo, por mais angustiante que tenha sido, foram importantes fatos para conseguir amadurecer e dar forma ao meu processo artístico. A ponto de conseguir conciliar, dentro da minha linguagem de origem, o desenho e pintura, repensar e construir a imagem que tenho do meu corpo e projetar na tela o que acho que vejo de mim.

Eu tinha, e acho que ainda tenho, um medo quase paralisante em relação a exposição pública do meu trabalho e da minha imagem, apresentar algo, ou falar sobre meu trabalho tem sido um processo desgastante que me gera um nível de ansiedade que quase não consigo lidar. Mas é importante ressaltar que todo esse sofrimento é gerado apenas no meu imaginário. Como a alma 22 no filme “Soul” da Disney<sup>27</sup>, eu fico criando fantasmas na minha cabeça, fantasmas tão grandes e assustadores a ponto de não conseguir enxergar que são apenas medos, frutos da imaginação. O tempo, nesse sentido, foi e está essencial, me ajudou a enxergar o meu percurso com distanciamento e maturidade.

Concluir esse TCC com uma performance ainda em desenvolvimento, me deixa segura de pensar que tudo faz parte de um processo, não existe nada fechado dentro de si, as coisas não são, elas estão em constante transformação e esse não é o meu trabalho final e sim apenas uma vírgula na minha trajetória como artista.

---

<sup>27</sup> Soul, Disney: Soul é um filme de animação, lançado em 2020, com produção pela Pixar Animation Studios para a Walt Disney Pictures. Conta a história de um pianista, Joe Gardner (Foxx), que “morre” em um acidente antes de sua grande chance como músico de jazz e busca reunir sua alma e corpo separados.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund;. (2011). *Psicologia das massas e análise do eu e outros (1920-1923)*. (Paulo César de Souza, Trad.) São Paulo: companhia das Letras.

Jung, C. G. (2008). *O Homem e Seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

SARAMAGO, J. (1995). *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*.

ANDREW, Graham-Dixon (2012). *Arte, o guia visual definitivo*. [S.l.]: Publifolha. 612 páginas. Materiais e técnicas p. 24.

Dicionário de artes plásticas no Rio Grande do Sul / Renato Rosa e Decio Presser. – 2. Ed. rev. Amp. – Porto Alegre: Ed Universidade/ UFRGS, 2000. Pag. 309

Ciranda: ensaios em narrativas visuais/ Organizado por Paulo Silveira; Adriana Daccache, Andréa Paiva Nunes, Fabiana Wielewicki...[et al]. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. Pag

### SITES:

["Bolsonaro, você não é presidente mais", diz imigrante para Jair e viraliza - Congresso em Foco \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br)

['Visión expandida', de Damián Ortega - Frontera Digital](https://www.frontera.com)

["Você não é presidente mais", disse haitiano para Bolsonaro | Metrôpoles \(metropoles.com\)](https://www.metropoles.com)

[22º Salão de Artes Plásticas – Memorial \(camarapoa.rs.gov.br\)](https://www.camarapoa.rs.gov.br)

[365 Paintings for Ants, A Miniaturist Project by Artist Lorraine Loots | HuffPost Entertainment](https://www.huffpost.com)

[A arte de Gil Elvgren: o maior pintor de Pin-Ups da história \(inspi.com.br\)](https://www.inspi.com.br)

[A Coisa Cósmica de Damian Ortega \(adrianflux.co.uk\)](https://www.adrianflux.co.uk)

[Biografia de Carl Gustav Jung - eBiografia](https://www.ebiografia.com)

[Biografia de Frida Kahlo - eBiografia](https://www.ebiografia.com)

[Biografia de Jair Bolsonaro - eBiografia](https://www.ebiografia.com)

[Biografia de José Saramago - eBiografia](https://www.ebiografia.com)

[Brasil registra 2.798 mortes por Covid em 24 horas, novo recorde da pandemia; total passa de 282 mil | Bem Estar | G1 \(globo.com\)](https://www.globo.com)

[Brasil ultrapassa 4.000 mortos por Covid em um só dia; número dobrou em menos de um mês - 06/04/2021 - Equilíbrio e Saúde - Folha \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br)

[Covid-19: Brasil bate recorde com 4.249 mortes registradas em 24 horas | Agência Brasil \(ebc.com.br\)](#)

[Da arte ao lifestyle: As mudanças no universo das Pin-Ups ao longo dos anos - Universo Retrô \(universoretro.com.br\)](#)

[Damián Ortega disseca um Volkswagen Fusca para reinventar a escultura moderna \(20minutos.es\)](#)

[Gil Vicente - Obras, biografia e vida \(escritoriodearte.com\)](#)

[Gil Vicente . Inimigos](#)

<http://www.madmenart.com/vintage-cars/vw-volkswagen-beetle-a-member-of-family-1958/>

<https://abra.com.br/artigos/pintura-saiba-mais-de-8-de-suas-tecnicas-mais-populares/>

<https://arteref.com/arte-no-mundo/artes-visuais-conheca-as-tecnicas-e-os-materiais-artisticos/>

<https://arteref.com/gente-de-arte/gil-elvgren-o-pai-das-pin-ups/>

<https://artrio.com/marketplace/artists/view/marcos-fioravante>

<https://blog.grafittiartes.com.br/9-tecnicas-de-aquarela-para-iniciantes/>

<https://colorindo.org/aprender-estilos-aquarela-arte/>

<https://inspi.com.br/2016/12/gil-elvgren-o-maior-pintor-de-pin-ups-da-historia/>

<https://lia-mennabarreto.blogspot.com/>

<https://manualdoartista.com.br/tinta-oleo-extra-fina/>

<https://mondomoda.com.br/2015/10/15/a-historia-das-pin-ups/>

<https://www.arteeblog.com/2017/07/aquarela-uma-tecnica-de-pintura.html>

<https://www.guiadasartes.com.br/lia-menna-barreto/sobre>

<https://www.nrm.org/>

<https://www.saturdayeveningpost.com/artists/norman-rockwell/>

<https://www.standvirtual.com/blog/a-historia-do-volkswagen-carocha/>

<https://www.vw.com.br/pt/volkswagen/70-anos-brasil.html#nossahistoria>

<https://www.wikiart.org/pt/norman-rockwell>

[Huichol Arte \(artehuichol.com\)](#)

[Ichwan Noor - Reflex Amsterdam](#)

[Ichwan Noor Biografia, Obras e Exposições | Artista Ocula](#)

[Manual Fusca Itamar | PDF \(scribd.com\)](#)

[O assassinato de Marielle Franco num Rio sob intervenção em 4 pontos centrais | Nexo Jornal](#)

[O que é a arte Huichol? - Uma tradição antiga \(artesaniademexico.com\)](#)

[O que é a Covid-19? — Ministério da Saúde \(www.gov.br\)](#)

[Obras-primas pintadas à mão menores que uma miniatura | CNN](#)

[Pequenos retratos da pintora sul-africana Lorraine Loots em exposição na exposição Ants in NYC - CBS News](#)

[Pin-Up - História da Arte - Catálogo das Artes | Catálogo das Artes \(catalogodasartes.com.br\)](#)

[Postcards for Ants: A 365-Day Miniature Painting Project by Lorraine Loots — Colossal \(thisiscolossal.com\)](#)

[PSOL 50](#)

[Sobre – Pinturas Para Formigas \(lorraineloots.com\)](#)

[Soul | Disney Brasil](#)

[The Extraordinary Volkswagen Bug Decorated with over 2 Million Glass Beads | The Vintage News](#)

[Uma entrevista com Ichwan Noor | GNV \(ngv.vic.gov.au\)](#)

[VÍDEO - "Você não é presidente mais": haitiano diz a Bolsonaro o que ele já sabe \(diariodocentrodomundo.com.br\)](#)

['Você não é mais presidente', diz haitiano para Bolsonaro no Alvorada \(globo.com\)](#)

[Vochol: Significado y cómo se realizó esta obra huichol \(mexicotravelchannel.com.mx\)](#)

## 9. INDICE DE FIGURAS:

Figura 1- A Fábrica - Lia Mena Barreto - IV Bienal do Mercosul.....	9
Figura 2- PIN UPS - Gil Elvgren.....	11
Figura 3: Pin Ups: Gil Elvgern.....	12
Figura 4 estudo fusca. aquarela sobre papel. 21x29,7 cm 2013.....	13
Figura 5. objeto. peça fundida em bronze. 9x4x4 cm. 2014.....	14
Figura 6 kombi vermelha. estudo. aquarela sobre papel. 21x14,8 cm. 2014.....	15
Figura 7 fusca 666. aquarela sobre papel. 10x6cm. 2013.....	15
Figura 8 fotografia. Exposição "Coccinelle". 2014.....	16
Figura 9 - Cosmic Thing , 2002.....	17
Figura 10 - Beetle sphere, 2013.....	18
Figura 11- Vochol, 2010 / Foto: Vohol aamap.....	18
Figura 12 - Brooklyn Bridge, 10x10 cm. 2013.....	19
Figura 13 Carburador. Aquarela e lápis sobre papel. 10x10 cm. 2014.....	19
Figura 14 Série "Desmonte", 2015.....	20
Figura 15 – Série inacabada. "Desmonte". 2015.....	21
Figura 16 -- Estudo. aquarela sobre papel. 10x15cm. 2015.....	22
Figura 17 estudo Charles Chaplin. nanquim e lápis sobre papel. 10x15cm. 2015.....	23
Figura 18 Fotografia para estudo de corpo. 2016.....	23
Figura 19 estudo de roupas penduradas. aquarela e lápis sobre papel. 10x10 cm. 2015.....	24
Figura 20 – Estudo sobre o lixo. aquarela e lápis sobre papel.42x29,7. 2017.....	25
Figura 21 Fotografia para estudo sobre o lixo. 2017.....	26
Figura 22 estudo sobre lixo. pastel seco e carvão sobre papel. 84,1x59,4cm. 2017.....	28
Figura 23 "Segurando lixo". nanquim sobre papel. 29,7x21 cm 2017.....	29
Figura 24 estudo. grafite sobre papel. 29,7x21 cm 2017.....	29
Figura 25 Estudo infância. Nanquim e carvão sobre papel 21x29,7cm. 2017.....	30
Figura 26 Estudo balão. nanquim sobre papel. 21x29,7cm. 2017.....	31
Figura 27 Estudo bolha. Nanquim sobre papel.29,7x42cm. 2018.....	32
Figura 28 Estudo Expressão. Nanquim e carvão sobre papel. 21x21 cm. 2018.....	33
Figura 29 "Brincadeira no banco da praça". nanquim sobre papel. 29,7x 21 cm. 2017.....	34
Figura 30 "Segurando balão". pastel e carvão sobre papel. 42x29,7 cm. 2018.....	34
Figura 31 Fotografia. processo de trabalho. 2018.....	36
Figura 32 "Silêncio!". óleo sobre tela. 180x70 cm. 2018.....	37
Figura 33 "Investigação em Torno da Palavra Eu". Óleo sobre tela. 180x70 cm. 2018.....	38
Figura 34 Fotografia. Ato "Ele Não!" 2018.....	39
Figura 35 Fotografia Ato Brooklyn. 2018.....	39
Figura 36 Cerimônia de premiação do 22º Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Porto Alegre.....	40
Figura 37 Fotografia. Aquarela "Desmonte" ao lado de identificação Salão e premiação. 2018.....	40
Figura 38 fotografia Katiúscia Renata Paiva Nunes. 2018.....	42
Figura 39 Autorretrato Fernando Henrique Cardoso, 2005, carvão sobre papel, 200x150 cm..	44
Figura 40 "Você Não é Presidente Mais". carvão e grafite sobre papel. 84,1x59,4 cm. 2020 ...	45
Figura 41 "Os Primeiros a Reagir Foram os Infectados". carvão, pastel seco e grafite sobre papel. 84,1x59,4 cm 2020.....	46
Figura 42 "2.841". Carvão e grafite sobre papel. 20x20cm. 2021.....	47
Figura 43 Respira; Performance; outubro de 2020.....	47
Figura 44 fotografia. performance "Eterno Resistir   Eu Quero Acabar Com Essa Mulher no Mundo". 2022.....	48